

PAULO GAUDÊNCIO (*)

DIMENSÃO
PSICOLÓGICA
DA
PESSOA HUMANA (**)

ABSTRACT - In this lecture, the author explains the two basic conflicts of the human being: what is set between the instinct and the conscientious-ness, and which the most important of them is: between the instinct and the unconsciousness. His aim is to show how through the knowledge of -- these two conflicts you may come to a better self-knowledge and your own emotional adjustment.

RESUMO - O Autor expõe, nesta conferência, dois conflitos básicos da pessoa humana: o primeiro, entre o instinto e a consciência; o segundo e mais importante, entre o instinto e o inconsciente. Procura ele - mostrar como, pelo conhecimento desses dois conflitos, é possível chegar a um melhor -- auto-conhecimento e ao próprio ajustamento emocional.

(*) Paulo Gaudêncio,

ex-professor de Psicologia desta Faculdade, nos anos de 1966 a 1968.

(**) Conferência feita a 31/05/80, nesta Faculdade, como parte do ciclo de - palestras em homenagem ao Centenário de Dom Aguirre.

(O Autor não reviu o texto, que - foi tirado diretamente da gravação)

Vamos trocar idéias sobre a dimensão psicológica do ser humano. Vou fazer uma exposição teórica que servirá apenas como roteiro. Vamos ver o ajustamento humano nos seus conflitos básicos, num esquema.

Basicamente, no ser humano, existem dois conflitos. Existe o conflito que é conhecido por todos, inclusive a própria religião se encarregou de fazer com que este conflito faça parte de nossa vida cotidiana. Existe um segundo conflito no ser humano, desconhecido da absoluta maioria das pessoas. É o conflito mais importante, é o conflito sobre o qual, quanto mais esclarecimentos nós tivermos, mais possibilidades nós teremos de um auto-esclarecimento, de um ajustamento emocional saudável, razoável, pois a chave da felicidade realmente, é o auto-conhecimento, é a maneira de nós podermos nos relacionar de uma maneira agradável com nós mesmos e com o meio ambiente. O que nós tentaremos, aqui, será descrever os dois conflitos que se estabelecem no ser humano e saber as conseqüências, especialmente as conseqüências do desconhecimento do segundo conflito.

O primeiro conflito é o que se estabelece entre o instinto e a consciência. Vamos entender consciência, como uma série de normas conscientes, isto é, conhecidas, que eu, livre e voluntariamente, assumo - como sendo as melhores para minha realização pessoal, na comunidade em que estou inserido. Então, consciência, basicamente, é um conjunto de normas de relacionamento, normas de ajustamento, normas de vida pessoal; até normas de trânsito fazem parte-

da minha consciência. Quando digo: "Eu devo ou não infringir tal norma", frequentemente se estabelece um conflito entre o meu instinto que pede algo e minha consciência, que proíbe a realização daquilo que meu instinto está pedindo. E eu sei da existência desse conflito; eu quero e acho que não devo. É um conflito básico. Quando eu me coloco numa posição de conflito, tenho que resolvê-lo, de um modo ou de outro e, qualquer dos dois lados do conflito a que eu dê a vitória, me acarretará um sofrimento: eu vou sofrer se der a vitória ao instinto e, eu vou sofrer se der a vitória à consciência. Frequentemente, o ser humano fica numa posição de dúvida, porque ele quer ter o prazer da escolha, sem o sofrimento da perda. Então, ele não consegue fazer a escolha e fica parado, numa posição que nós chamamos de angústica.

A história básica da angústica é a história do burro de Buridan. Ela diz que um burro atravessou o deserto e, morto de fome e de sede, chegou ao oásis e, se viu a igual distância da comida e da bebida. Ele não podia comer porque tinha sede e, não podia beber, porque tinha fome e, de pensar... morreu o burro! O homem, na sua angústia, fica na mesma posição: ele não consegue escolher, nem de um lado e nem de outro e fica parado. Ele tem uma sintomatologia física que traduz a angústia: é como se lhe apertassem o coração e os últimos brônquios. Então, o indivíduo sente uma contração cardíaca e suspira. A característica do angustiado é a "suspirose". Ele está suspirando o tempo todo. É diferente da ansiedade, pois o ansioso não suspira, o ansioso bufa. Para sair da posição de angústia, o indivíduo precisará

fazer uma opção e quando ele opta, ele entra numa posição de frustração.

A frustração é uma palavra caluniada. Todo mundo entende frustrado como doente - e todo mundo entende que a frustração faz mal. Houve até um erro pedagógico, há três décadas atrás e, nós estamos pagando hoje o preço desse erro pedagógico, por um erro de conceituação, de achar que uma criança não deve ser frustrada. Primeiro, é impossível; segundo, a gente exagera, pelo fato de não colocar limite à criança, porque o limite causa nela uma frustração. No entanto, o limite é a única coisa que pode -- rã dar a ela uma segurança no relaciona--mento. Se nós não frustramos a criança, - nós vamos criar uma pessoa absolutamente sem limites. Podemos criar alguém com problemas emocionais, até mentais, muito sé--rios. Frustração é necessidade ativada -- que não se realiza. É absolutamente essencial ao desenvolvimento e ocorre em qualquer sentido. A frustração não é doença, - a frustração em si, não causa nenhuma doen--ça. A frustração trás um sofrimento e nós, em geral, eliminamos o sofrimento causado pela frustração por um mecanismo a que damos o nome de compensação.

Essa compensação pode ser normal e - pode ser patológica. Vamos dar um exemplo: temos uma noite livre e resolvemos ir ao cinema. E, quando se quer ir ao cinema, há sempre dois filmes que queremos ver. Se - eu vejo um, não vejo o outro. Então, qualquer que seja a opção que eu faço, eu vou ficar chateado porque não vi o outro e -- quando eu vou comprar a entrada, já vou - chateado, pois, na realidade, eu queria - ver o outro filme que, se eu for ver, --

irei chateado, porque queria ver este. Entro no cinema e, suponham que eu tenha escolhido corretamente e o filme que eu vi seja bom. Saio do cinema satisfeito, porque a compensação que tive pelo prazer do filme, eliminou o sofrimento da frustração. Suponham que escolhi o filme errado. Saio do cinema frustrado com o sofrimento. Então, eu vou ao restaurante, como alguma coisa e, comendo, eu me dou prazer e saio tranquilo. São que antes de comer, terei de escolher. Este é o problema cristão do pecado: eu tenho um impulso e minha norma consciente condena. Se dou a vitória ao instinto, cometo o que se chama "pecado" e tenho um sofrimento que se chama "arrepentimento". Se dou vitória à consciência, também sofro e dou o nome também de arrependimento. Eu me arrependo quando peço e me arrependo quando não peço. A diferença está na compensação.

Quando dou a vitória ao impulso, tenho uma satisfação intensa de curta duração e um arrependimento longo. Quando dou a vitória à consciência, eu tenho um arrependimento intenso de curta duração e uma satisfação longa, de longa duração. Ainda: uma pessoa quer emagrecer. Então, ela tem o impulso de comer e a consciência diz que não deve. Se ela come, ela tem uma satisfação intensa de curta duração e um arrependimento longo. Se ela não come, ela tem um arrependimento intenso de curta duração e uma satisfação longa.

Esse é o conflito menos importante. O conflito mais importante se estabelece entre o instinto e uma consciência inconsciente. É também uma série de normas. Esta série de normas também foi colocada em mim,

pela educação. Ensinaram-me que tal coisa é certa e tal coisa é errada. Mas, ela é inconsciente, isto é, ela é desconhecida de mim mesmo. É como se eu tivesse um juiz dentro de mim, cujas normas desconheço. - Então, cometo um crime pelo qual sou condenado sem saber e sou punido, sem saber por quê. Há um livro que conta a história disto, que se chama "O Processo" de Kafka, que é exatamente isto: o cidadão é preso, é levado ao tribunal, ele não sabe as normas e não sabe o crime que fez e é condenado. A isso se dá o nome de super-ego. - Tecnicamente, o super-ego não é só um juiz, ele é o depositário do ego idealizado. Há uma série de funções no super-ego. Uma delas é a função de juiz que ele exerce. -- Então, com muita frequência, existe o conflito entre o instinto e a norma desse -- juiz fazendo com que o homem fique parado numa posição de angústia, muito mais seria porque ela não sabe o que é que ele faz para escolher, porque ele não sabe qual é a norma que está infringindo. Então, a gente percebe, com alguma frequência, que ele tem uma profunda angústia há anos mas, o suspiroso não sabe contar, na vida dele, nada que cause aquele sofrimento enorme. Em geral, ele refere essa divisão interna a -- uma divisão externa qualquer.

Por exemplo, um caso que não é raro, é o de uma moça que chega a um consultório, numa profunda angústia, porque não consegue escolher a roupa com que vai sair. Mas, não é uma pequena dúvida, é pessoa que fica duas ou três horas diante do -- guarda-roupa! A angústia crescendo, ela entra em desespero, chora e falta ao compromisso e não consegue fazer a escolha. - Então, ela diz: "Estou louca! Ter um so-

frimento enorme por uma coisa tão pequena!". Procura a terapia e o que a gente vai tentar fazer é descobrir qual é a divisão básica e real que ela tem, entre o impulso que ela quer satisfazer e o juízo que tem a norma a condenar esse impulso, sem que ela saiba. E a gente atua, por aí. Então, com facilidade, ela poderá fazer as escolhas mais normais. É muito frequente a pessoa que, chegando numa divisão, chegando numa opção, empaca e sofre. Então, a pessoa diz: "Eu sou insegura, eu sou indecisa" e, procura um tratamento. Ela pensa tratar-se de uma insegurança ou de uma indecisão. Na realidade, vai ter que tratar de uma divisão interna. Se o indivíduo escapa dessa posição de angústia, ele faz uma opção qualquer e entra numa posição de frustração e ela também é inconsciente, dando um sofrimento que não se chama mais arrependimento, mas sentimento de culpa e, também é desconhecido. O indivíduo que se arrepende, sabe do que se arrepende mas, o indivíduo que se sente culpado, não sabe o crime que cometeu, então, ele sente uma sensação ruim, cinzenta, constante, de que ele fez algo errado e não sabe o que é. - Tenta reduzir essa culpa aos arrependimentos conscientes e tenta dizer que se sente culpado por causa daquilo, mas não resolve, porque o crime é outro. Muito frequente também é a pessoa que entra numa posição de escrúpulos. Todo sacerdote já enfrentou isso: um escrupuloso! É a pessoa que vai fazer a sua confissão e sai se sentindo mal. Volta dizendo ao padre que se esqueceu de falar tal coisa e depois volta porque, no caminho, se lembrou de outra coisa e vai e volta vinte, trinta vezes, se sentindo desesperadamente má, -

tentando explicar conscientemente o pecado que cometeu e não sabe qual é.

Essa pessoa exatamente tenta justificar e arranjar explicações. Uma pessoa -- que se sinta assim, precisa encontrar uma compensação para aquele sofrimento e a -- compensação encontrada se chama auto-punição. Como ela sabe que é culpada de um -- crime que ela não sabe qual é, inconscientemente, a pessoa se fere para pagar o -- crime desconhecido, da norma desconhecida. Mas, é claro que ela não vai bater na própria cara. O que vai é fazer algo prejudicial a ela, embora ela tenha uma explicação clara do porque ela faz aquilo. Então, ela esquece as coisas. Ela vai seguindo -- numa linha, ela faz uma série de coisas. -- De repente, ela diz: "Meu Deus, como é que eu fiz isso, se isso só me prejudicou?". -- Fez, porque prejudicou. Fez, porque foi a única saída que encontrou para se sentir-paga daquele crime. Percebam que uma pessoa, então, pode ter uma vida consciente, absolutamente dentro das normas. Ela pode passar uma vida inteira seguindo todos os princípios, tomando uma conta enorme de -- si mesma, frustrando todos os seus impulsos e ela vai passar a vida inteira se -- sentindo pecador, se sentindo bandido, se sentindo mau, com angústia, com depressão e fazendo tudo para complicar a própria vida. Tudo isso pelo desconhecimento das-normas desse juiz que vive dentro dela. -- Esses dois juizes têm algumas diferenças.

A primeira diferença, nós já mencionamos. O segundo é desconhecido. O primeiro conhecido. Portanto, um é mutável e, o outro é dificilmente mutável porque, não-sabendo a norma, não posso mudar. Isso faz

com que esse juiz seja rígido, embora a pessoa possa ter uma consciência flexível, porque racionalmente ela percebe que tal coisa não é má. Inconscientemente, fica obstinada na maneira de sentir que aquela coisa é má, por causa do desconhecimento desses juizes interiores. Uma terceira diferença é que esse primeiro juiz proibe que se faça coisa contra nós. O segundo juiz proibe que se sinta vontade de fazer coisas contra nós. É um juiz tão castrador que se o indivíduo sente um impulso e conscientemente não o faz, ele já se sente mal por ter sentido esse impulso. É uma condenação da própria normalidade e, eu chegaria a uma definição do que é a neurose: é a não-aceitação da própria normalidade. Porque existe um juiz que foi empurrado dentro de mim, que diz que alguns dos impulsos que eu sinto são em si pecaminosos e, portanto, eles devem ser eliminados. Como eu não consigo eliminá-los, eu me sinto mal e passo o resto da vida me sentindo culpado, me punindo e lutando para me anormalizar, porque eu me sinto doente na medida em que eu sou normal!

Eu vejo o neurótico, especialmente o psicótico, como alguém que ficou em pé na Torre de Pisa. Certa norma propõe que ele elimine de si uma série de coisas que ele sente. Então, quando se refere à Torre, ele se sente mal e diz: "Olha, como eu sou doente!" E o pessoal da Torre chega para ele e diz: "Conserta, fica direito!" Ele tenta consertar, mas não aguenta, porque se sente desequilibrado. Aí, ele tenta ficar como ele se sente e se sente muito doente. E em toda uma estrutura, o governo, a escola, a família, a igreja, todas propondo como se faz para ficar di-

reito e se todas fracassarem, manda o cara para o psiquiatra. Quando o psiquiatra o indireita, de vez, sô aí é que ele fica bom! Esta é a proposição clássica que divide os instintos em bons e maus, como se fosse possível existir um instinto mau! - Os instintos bons são divididos e classificados como eros, sexo. São os instintos de vida. E, os instintos maus, são os instintos de morte. Houve uma briga, quando Freud propos o sexo como um impulso de vida, porque sempre existiu a norma cultural de que sexo é um mal necessário! Das primeiras proposições de Freud, sobre a existência de uma sexualidade infantil, acabando com o mito de que a criança é um anjo, que se torna pecaminoso quando adulto, mas, mostrando, na realidade, a existência de toda sexualidade na criança, -- desde o nascimento. Há briga enorme quando ele propõe que, em torno dos 5 anos haverá um grande conflito na criança, porque o menino desejaria globalmente, portanto, -- também eroticamente, a figura materna e -- em função desse desejo e do ciúme que ele desperta, a divisão da figura materna, -- propõe e sente um profundo ódio da figura paterna. Quando Freud propos isso, teve -- que mudar de cidade e muitos anos se passaram para que pudessem aceitar a normalidade do instinto sexual, embora, eu acredite que hoje em dia, a gente aceite a -- normalidade sexual com a cabeça. Mas, gerações estão precisando educar gerações, -- para que a gente possa chegar um dia a -- ter uma geração que daí por diante possa sentir a existência do instinto sexual como normal.

O que eu observo hoje em dia é que o conflito se tornou maior à medida em que --

as pessoas aceitam a normalidade do instinto sexual, intelectualmente, mas, continuam emocionalmente sentindo da maneira que foram educadas e atuam da maneira que aprenderam e a culpa aumenta, fazendo com que a libertação da comunidade de uma educação rígida e castradora, do ponto de vista do instinto sexual, tenha aumentado o conflito. Uma vez, estive numa cidade, fui ao cinema e levei um susto. Foi no nordeste. Não sei se o cinema estava em reforma ou não, mas a sala de espera era moderna, com móveis amplos, com acrílico mas, dentro do cinema, era tudo colonial. Eu pensei ser erro do arquiteto mas, não! Era uma homenagem à mulher brasileira! Ele estava fazendo uma fotografia do que está ocorrendo. A sala de espera altamente moderna e o interior, altamente colonial. Elas ainda sentem da maneira como foram educadas e atuam da maneira como aprenderam, fazendo com que exista um conflito de uma intensidade maior do que já existia. Este conflito é classificado como um instinto de vida. E, existe um conflito que é classificado como um instinto de morte. A agressividade é uma tentativa de classificação que faz com que uma coisa do ser humano seja má em si. Isso me parece um erro básico e me recuso acreditar que a evolução de um animal que levou bilhões de anos para se concretizar, possa chegar a que esse animal tenha um instinto que é mau, que é contrário à sua sobrevivência! Eu creio que o impulso agressivo é um impulso de vida e tão saudável quanto qualquer outro.

A classificação do impulso agressivo como instinto de morte é dada como um critério de utilidade, quer dizer, fugiu-se de discutir a aplicação desse instinto em-

si e, se discutiu a aplicação e, pela aplicação é que o instinto foi classificado como mau. Mas, quem pode achar o impulso-agressivo como mau? Essa é a proposição-limite. É inútil, é mau para quem detém o poder e, quem detém o poder precisa de quem esteja submetido ao poder, sinta como bom o instinto do rebanho. Então, se propõe que "só o amor constrói"! O que faz com que exista um rebanho que ainda aceite que ser rebanho é maravilhoso e bom e que sinta que tentar escapar do rebanho é mal, é pecaminoso. Então, é útil, para quem detém o poder, a classificação do instinto agressivo como um instinto mau. Não é útil para o rebanho, porque a condenação da agressividade, as condenações de todas as suas manifestações, como curiosidade, como criatividade, como independência, como aspirações à liberdade, são coisas realmente condenáveis pelo instinto de utilidade, para quem detém o poder.

Com esta proposição cultural feita pela igreja, pela família, pela escola, pelo governo, pela cultura inteira, o indivíduo passa a sentir que seu natural impulso agressivo é condenável e pecaminoso. Então, ele sente ódio. Pode não atuar pelo ódio, mas se sente culpado de senti-lo, ele se sente um bandido e se culpa. Ele se pune pelo crime de ser normal!!! Podemos dar exemplos complicadíssimos de estruturas governamentais ou podemos dar exemplo familiar; na nossa casa, o filho de quem a gente gosta é o que dá pouco trabalho. Se ele "baba", é ótimo! Se ele pensa, é perigoso! Se ele quer saber por que está na hora de ir para a cama, se ele quer saber por que é -

que tem de estudar tal lição, se ele quer saber por que é que tem que fazer tudo o que o pai quer, qual a razão de ter que - fazer tudo o que o pai queira, ele começa a ser malcriado, ele precisa ser educado. Então, a gente o manda para a escola e se a escola, falha, a gente o manda ao psi--quiatra e ele acaba sendo um menino educado!...

Existe a proposição de colocar o instintinto de rebanho como um instinto normal - e combinar o impulso agressivo com o impulso patológico. Nós fazemos isso com o uso de um outro instinto de vida, que é o instintinto afetivo. Vamos entender que ninguém faz isso conscientemente. Eu não vou olhar para o meu filho e dizer: "Esse tem futuro, é um cara de iniciativa, vou quebrar a vontade dele, vou fazê-lo um "banana" - como eu sou". Ninguém faz isso de propôsito! Nós fazemos isso por um método que -- nós chamamos de identificação projetiva. - Não existe nada que me irrite mais do que um espelho. Se eu tenho um impulso em mim que eu condeno e que eu veja alguém exercê-lo, sinto uma profunda raiva de quem o exerce. Nada mais perigoso, para um santo, do que um pecador feliz! Porque o pecador feliz põe toda a ideologia do santo em perigo e, quando eu vejo, alguém que está - atuando daquela maneira que condeno, mas - que, no fundo, desejo, sentirei ódio da--quela pessoa.

Suponhamos que esta pessoa, de quem - eu vejo a atuação e contra quem estou sentindo impulso agressivo, dependa de mim, - afetivamente. Ela sente a agressividade - que eu sinto em mim e condeno. Eu sinto - raiva do meu filho porque ele sente aqui-

lo. Quando ela começa a aprender que a -- agressividade é um impulso tão mau que meu pai e minha mãe não gostam mais de mim, - ele pára de sentir o impulso agressivo e passa a ter esse estímulo que eu tenho.-- Faço o jogo do afeto condicional, para fazer com que ele sinta da mesma maneira como eu sinto e, nada disso é consciente, -- porque acredito que o melhor é da maneira que me ensinaram e, eu transmito o melhor, da maneira que me ensinaram, não dizendo, mas atuando e rejeitando a pessoa que atua da maneira que me assusta, e o incrível é que tudo isso é feito por amor e em nome do amor. À medida que eu vejo aquele filho atuando daquele jeito, em que fico com medo de mim, naquela atuação, em que fico com medo do que possa acontecer com ele e eu passo, porque o amo, a rejeitá-lo e eu o coloco numa forma que massacrou a minha vida, em nome do amor que eu sinto por -- ele e, quando ele estiver tão neurotizado quanto estou eu, ele começa a receber o meu afeto e por amor condicional, baseado no mecanismo de identificação projetiva, - a gente faz com que a neurose seja quase hereditária! A gente vai transmitindo a mesma forma neurótica, a mesma maneira de ser e, mais tarde, aos 40 ou 50 anos, a pessoa diz: "Puxa, eu condenei tanto meu pai e minha mãe de agir de uma maneira e eu acabei agindo igualzinho!" Aquilo que eu tanto detestava que todos dissessem, os impulsos armazenados no inconsciente, me levaram a isso e eu já transmiti aquele impulso. Creio que, do ponto de vista da sexualidade, uma geração tem que educar - outras geração, para que, ao longo de muito tempo, a gente possa diluir essa destrutividade do super-ego.

Como se resolve isso? Isso se resolve (e é a única saída), pela abertura de brechas nessa barreira de repressão que permitam ao indivíduo conhecer o seu juiz e conhecê-lo então, até tornar uma pessoa, emocionalmente, bem adaptada, que eu definiria como alguém que se conhece, se aceita e se coloca sob normas. Porque, a pessoa que se conhece e se aceita e é normal, não vive como um animal, sem normas, na medida em que ela vive em comunidade. Mas, ela se coloca sob normas, que ela, livre, conscientemente, aceita como sendo as melhores para a realização dela e a realização da comunidade em que ela está inserida. Ela aceita a existência do juiz que existe nela, mas que é mutável. Aceita a existência de normas que a sociedade propõe para ela, mas, as normas têm como finalidade a realização dela e do bem comum, embora, a curto prazo, possam frustrá-la. Uma norma de trânsito que me proíbe entrar na contra-mão, numa rua, me obriga a dar uma volta a mais, uma volta maior, me frustra naquele instante, mas, ela existe para o meu bem, porque a existência da mão-única na cidade, faz com que flua melhor o tráfego e eu possa andar melhor.

A pessoa madura seria aquela que se conhece, se aceita e se coloca sob normas dele, na comunidade onde vive. Sob normas que ele livre e conscientemente aceitou como sendo as melhores para a realização dele e da comunidade. Este é o papel do educador, do pedagogo, seja professor, terapeuta, seja em casa, pai e mãe. A terapia é o processo pelo qual a gente faz com que as pessoas tomem consciência de si. Educação é o processo pelo qual a gente coloca meios para as pessoas tomarem -

consciência de si. Em todo tempo que eu -
dei aulas na Faculdade de Filosofia da PUC,
em São Paulo e aqui, nesta Faculdade, eu -
sempre disse a mesma coisa: a coisa menos-
importante que um professor de Matemática-
ensina, é Matemática! A coisa mais impor-
tante é educar, tendo até a Matemática co-
mo um instrumento para isso (sendo a Mate-
mática um instrumental para isso) e, eu --
usava o exemplo "Matemática" que me pare--
cia o mais distante dessa visão, porque, en-
sinando Psicologia, Filosofia, ensinando -
Literatura, a gente pode até estar mais ar-
mado de instrumental para conseguir apre-
sentar a pessoa a si mesma, mas, na reali-
dade, a grande função do pedagogo é fazer-
com que a pessoa se conheça e, a única chan-
ce que nós temos para isso é fugirmos do -
mecanismo de identificação projetiva. Eu só
posso permitir e possibilitar que alguém -
se conheça, se eu não o rejeitar na medida
em que ele está sendo o que é. E eu só pos-
so fazer isso se eu tiver de mim um auto--
conceito, um autoconhecimento, que permita
que eu não sinta raiva de um indivíduo por
que está fazendo algo que eu condene em --
mim. A grande função do pedagogo é possibi-
litar à pessoa que se conheça, se aceite e
seja livre. Um pedagogo, professor, tera-
peuta, pai, mãe, só tem a possibilidade de
conseguir isto, na medida em que ele se co-
nheça. Se a grande função é educar, a gran-
de obrigação de qualquer pessoa que se ati-
re à ventura da educação, é que se conhe-
cer deixou de ser uma elegância, para ser-
uma obrigação primordial. É só isso o que-
tinha a dizer.

D e b a t e :

1a.Pergunta: Qual o conselho fundamental que você daria afinal, em matéria de educação?

Resposta: Não há conselho mágico, é claro. Mas eu tenho uma experiência que acho muito mais importante do que um conselho. A minha experiência, em família como no consultório, é que o tal de relacionamento afetivo é um negócio meio complicado. Não é tão simples como eu imaginava que era há algum tempo atrás e, cheguei a uma hipótese culinária disto: eu cheguei a concluir que amor, é como sal na sopa. Entendeu? Há um ponto exato para dar. Sabe? Agora, se for para errar, é melhor botar menos, porque, demais, ninguém consegue comer! Aí, evoluindo, evoluindo, eu comecei a reparar que as pessoas super-protegidas não têm limite e, não tendo limite, têm uma visão super-valorizada da própria força, porque o seu desejo é realizado. E, eu comecei a reparar que colocar limite na pessoa, é extremamente saudável.

Então, eu vi um tipo de paciente que eu achava muito difícil de tratar, que é o paciente histérico, herói sofredor, e que se tornou muito fácil na terapia, colocando-lhe limites. Eu comecei a conseguir uma eficiência grande em terapia de grupo de paciente com ajustamento psicótico-esquizofrênico, na base de limite. Aí, eu comecei a entender, que limite é uma manifestação de amor, que eu não amo quando eu faço o que o outro quer; que eu amo, quando eu faço o que é certo. E, se muitas vezes eu frustro o outro, eu frustro porque estou amando. E, finalmente, a última coisa que eu entendi e, isso foi bem no -

relacionamento com os filhos, depois a -- coisa se estendeu para os pacientes, também, é que não só eu preciso dar amor, como eu preciso dar limites, e eu preciso dar a ele a noção de que eu sou pessoa. -- Então, aquele 4º mandamento da terapia, -- de que eu falava há alguns anos atrás, "matar pai e mãe", quer dizer, eliminar a -- imagem para se relacionar com a pessoa, eu percebi que é enormemente saudável para -- ele, que eu elimine a figura do pai. Eu -- sou gente. Eu vi certa vez, uma "chamada" na televisão, de um episódio de "Malu Mulher", em que a Malu vira para a filha e diz assim: "Belisca". A menina beliscou e ela disse: "Dói, tem sangue". Puxa, isso é lindo. Quer dizer, "Eu sou pessoa". Foi a última noção a que eu cheguei.

Então, o que eu consigo ver de atuante, em pedagogia, é que eu tenho que dar amor, eu tenho que duvidar, eu tenho que dar limites e eu tenho que fazer valer o meu direito, meu, de pessoa. Se o meu papel de pai começa a ultrapassar e a interferir no meu direito de pessoa, me frustra, e eu começo a sentir raiva de quem está, indiretamente, causando essa frustração.

2a. Pergunta: "O homem é um ser racional, mas, tem a evolução animal. Como é chamado, em Psicologia, esse resquício animal que sobra no homem?"

Resposta: Eu chamo de saúde e, não há termo técnico para isso. De um determinado tempo, para cá (eu não sou muito bom nessa questão de histórico da Psicologia, mas, eu juro que deve ter sido na Idade Média!), começaram a achar que o animal tinha de ser eliminado e que o racional, --

não. Há até uma frase (não sei se é de algum santo) que cabe aqui: o corpo é como o burro que o espírito deve cavalgar. Felizmente, hoje em dia, nós estamos descobrindo que o homem é uma unidade psicossomática e, que não tem essa história de corpo-ser burro, não. Houve um autor que falou muito disso, William Reich. Ele é um pouquinho posterior a Freud e, ele foi expulso da sociedade psicanalítica fundada por Freud. Os livros dele devem estar com 50 anos de idade, mais ou menos, e agora é que estão sendo editados e curtidados e, o que ele propõe é que a parte animal do ser humano é tão importante quanto a racional, que o meu instinto agressivo, sexual, afetivo, a minha inveja, o meu ciúme, a minha necessidade lúdica, o meu ódio, todos eles têm uma função. O homem deveria funcionar como uma carruagem que tem os cavalos que são os impulsos, os instintos, que o cocheiro é a inteligência e as rédeas que é a vontade. A proposição é de que alguns cavalos têm de ter suas patas amarradas e aí, quer que a carruagem ande harmonicamente. Não dá! A proposição que fazemos hoje é de que se desamarrarem as patas de todos os cavalos, que o cocheiro saiba aonde deve ir e tem as rédeas, mas ele não pode é condenar um cavalo como patológico. O homem é visto hoje, como uma unidade psicossomática. Certo?

3a. Pergunta: A agressividade do homem, como é considerada um instinto negativo, uma coisa negativa, na sociedade, não seria a parte animal do corpo humano?

Resposta: Seria. O impulso agressivo faz parte da parte animal da pessoa humana. Não concordo, porém, em condená-lo --

como um instinto mau. Pois, se nós não colocarmos para fora o que a gente pensa e sente, não há jeito de os outros nos conhecer, nem de arrumar uma solução.

4a. Pergunta: A sexualidade é o maior conflito do ser humano?

Resposta: Eu não acho. O que eu acho é que a sexualidade foi o primeiro impulso a ser denunciado e repellido pela cultura. Aí, nós assistimos aos primeiros 50 anos de Psicanálise, com toda briga em cima disso. Então, isso hiperdimensionou o impulso como sendo o mais importante. À medida que a gente for vivendo todo esse clima, o crescimento da violência não é de graça, toda essa discussão sobre a violência não é de graça. Eu acho que a gente entrará numa nova fase de Psicologia - em que o estudo do impulso agressivo será o mais importante. Qual é o impulso mais importante no ser humano? Essa pergunta é mais ou menos semelhante a esta: "Qual é a coisa mais importante para se fazer um bolo"? Se é a água, se é a farinha, se é o fermento, se é o açúcar. Para mim, o mais importante é o que falta. Realmente, se faltar fermento, a gente reclama e vê que não dá para se fazer um bolo sem fermento. A mesma coisa me perguntam sobre o casamento. "Qual é a coisa mais importante, no casamento"? E, a primeira idéia é que é o sexo. Realmente, é o que está mais "embananado". Mas, faz um casamento sexualmente perfeito e, sem entendimento ideológico, para ver se dá certo? O que se precisa é fazer um casamento onde todos os pontos, o ideológico, o espiritual, o afetivo, o sexual, o agressivo, sejam perfeitos e, é por isso que não dá, porque -

ninguém é perfeito, e, acertar tudo isso -- é fogo!

5a. Pergunta: Existe, da parte dos filhos, uma rejeição, reflexo do próprio -- conflito do seu inconsciente, da própria mãe ou é da sociedade?

Reposta: Eu vou seguir por uma pesquisa feita pela Editora Abril. Quando -- eles foram lançar a Revista POP e fizeram uma pesquisa com a juventude, o resultado dela foi assustador. A juventude de hoje, com relação aos mais velhos, é extremamente moralista. A explicação disso, eu não sei, exatamente. A impressão que eu tenho é que, para você alçar vôo, é preciso ter uma base e, para sair para uma aventura -- no mar, precisa ter um porto. Eu acho que a juventude se sente segura para tentar -- uma aventura de uma vida nova, na medida -- que tem uma base sólida, de quem não altera essa vida. É como empinar papagaio: o -- jovem vai longe, vai alto, tem a linha -- mas, ele sente quando tem bom vento. Acontece que essa alteração de valores atingiu, não só a juventude, mas também a nossa geração. Há 50 anos atrás, alguém com 40 anos de idade, era velho. Hoje em dia, alguém com 40 anos não é velho. Então, a -- nossa geração pegou uma mudança de geração e se propôs uma revisão de princípios, na nossa geração e, isso deu grande confusão na cabeça da molecada. Eles perderam -- aquele porto seguro que lhes possibilitaria uma aventura. Com isso eu quero dizer que tudo isso é cultural, acho que uma geração vai pagar o preço.

Eu não acredito em educação, como -- sendo um processo de uma geração. Eu acredito no processo de gerações. Se a gente --

conseguir dar o passo que possibilita o -
passo da geração seguinte, a gente já fez
algo maravilhoso. Não dá para a gente fa-
zer o caminho todo.

6a. Pergunta: Qual a consequência da
mistura de normas?

Resposta: Se eu estou propondo uma -
norma que a cultura me deu, eu estou pro-
pondo aquela norma, sem filtrá-la, sem co-
locá-la em dúvida dentro de mim. A conse-
quência não é boa. Se eu estou projetando
algo, eu estou defendendo um e condenando
outro. A consequência será, necessariamen-
te, patológica. É, isso é pior que a ante-
rior. Se eu não estou transmitindo, sem -
pensar, uma norma da cultura e se é algo-
que eu filtrei em mim, cheguei a uma con-
clusão e estou projetando, não é um pro-
blema meu que eu estou condenando, é algo
da atitude do outro e eu estou seguro. Já
pensei e coloco limite. A consequência é
grave. Como consequência, eu vejo a divi-
são, assim, em tres estágios. Agora, a --
mistura dentro de mim vai exigir de mim -
um auto-conhecimento e nunca existe uma -
segurança muito grande. À medida que eu -
tenho coragem de botar dúvidas à atuação-
do filho... A gente fica em dúvida se diz
"sim". Se diz "não", se está certo, se --
está errado. O que eu faço, pessoalmente,
não com a criança, mas com o adolescente,
é ter muito papo, mas eles sabem das mi-
nha insegurança. "Vou viajar este fim de-
semana" "Pode?" Eu não sei se pode ou não.
A norma básica é "coloque-se e chegue a -
uma conclusão". Mas, é feito o que ele --
achar que deve fazer, é ele que faz a es-
colha. Existe a discussão, existe a con-
clusão comum e existe a decisão da pessoa.

Faça, mas tem de aguentar as conseqüências.

7a.Pergunta: Deve-se fazer isso mesmo, nem que seja criança?

Resposta: Criança precisa de pai e mãe. Adulto que tem pai e mãe precisa de psiquiatra. Adolescência é o período que se aprende a ser desnecessário o pai e a mãe. Então, isso é um processo evolutivo na mistura e tem também a dose de maturidade que eles vão adquirindo. E, olhe, que se a gente for atrás do pai e da mãe, aos 40 anos, ainda se deve obediência!

8a.Pergunta: Fale um pouco mais sobre aquele entender e não entender, em relação a uma metodologia e às coisas novas que aparecem no dia-a-dia.

Resposta: Eu chamo isso de processo de integridade. Eu acho que a gente está desintegrado. As pessoas sentem, falam e fazem. Eu acho que a pessoa desintegrada é a que sente e pensa, não na mesma linha; ela faz, age como sente e fala como pensa. Então, aqui você terá duas pessoas porque ela diz de um jeito e faz de outro. Só -- que ela não sabe disso, porque ela diz da maneira que está acreditando com a cabeça e, ela atua da maneira em que está sentindo, com o corpo. Aquela barreira de conhecimentos, eu coloco aqui. A pessoa atua assim porque não sabe o que está sentindo, então, todo aquele esquema está colocado aqui de tal maneira que, se nós conseguirmos romper essa barreira, a pessoa conseguirá chegar a uma posição de integridade. Ela sente, pensa, age e fala na mesma linha e se ela resolver, num papel profissional, fazer diferente, é sob o controle

da vontade. Ela faz porque quer. Então, é problema de mentira, de falsidade, de jogo, mas não é um problema neurótico. Isto vale para tudo e só é possível sair disto pelo auto-conhecimento: eu sei o que sinto, então, eu posso ser íntegro e coerente.

9a. Pergunta: Quando as meninas perdem o pai, é verdade que nunca serão felizes, já que a figura do homem é sumamente importante para elas, principalmente, após o casamento?

Resposta: Não, não é real, isso. A figura paterna, assim como a materna, é importante tanto para meninas como para meninos. Existe uma fase que a gente introjeta a vida toda, a infância toda, especialmente. Na fase do Complexo de Édipo, a menina introjeta mais a figura paterna. Posteriormente a isso, dos 7 anos aos 9 anos, o menino introjeta mais a figura materna. Às vezes, quando morre o pai, a menina não tem uma figura paterna para introjetar. Isso vai lhe causar algum problema, mas não é que nunca serão felizes, e, principalmente, após o casamento. Isso é uma dificuldade que ela tem de que não teve uma figura paterna para introjetar e isso ocorre muito frequentemente na separação de casais, onde existe uma briga, mas a pessoa não fica sem uma figura masculina. Ela pega alguém para fazer esse papel ou ela cria uma figura masculina. Depois, a história de que nunca serão felizes, a gente conhece algumas figuras masculinas e que estão sendo introjetadas, que a gente perguntaria se para os filhos não é melhor não ter uma figura para introjetar e ter até a chance de trocar. Tem -

gente que, como educador, se morresse, faria um grande serviço! Então, eu não acho essa afirmativa tão radical como foi proposta.

10a.Pergunta: Sobre a televisão, não apenas os programas, mas também os comerciais, como são feitos e, como obstruem a formação psicológica?

Resposta: Uma vez, eu ia fazer uma série de artigos sobre a televisão e, a mesma editora que me encomendou os artigos, me pediu um artigozinho sobre a violência na TV e, eu disse que a coisa mais violenta na TV estava nos intervalos. Não existe filme que seja tão violento na TV, como são os comerciais, porque a TV atinge a todas as camadas sociais, altas, médias e baixas. A maior parte atingida é a média e, especialmente, a baixa. A mensagem enviada pela TV é de que o indivíduo é feliz quando tem uma série de coisas -- que se liga na tomada, é o mesmo critério de felicidade usada, se bem que na imagem de felicidade, poder, alegria, há uma série de bens de consumo e se vende uma maneira muito inteligente, a consequência disto é que se cria na população uma fome artificial, pois o indivíduo tem fome -- não só da comida, mas de uma série de coisas, de bens de consumo que representam para ele a felicidade e que não estão ao alcance dele. Então, eu considero o intervalo para comercial, algo muito violento. A propaganda era feita para a finalidade da coisa, então: "fume tal cigarro porque ele tem melhor sabor". Era a propaganda -- que dava ao indivíduo a capacidade de filtrar com a própria inteligência, a informação que ele recebia, porque ele fuma tal

cigarro e tal cigarro não tem tal sabor e ele compra outro. Isso vale para cigarros, eletrodomésticos e tudo o mais. Posteriormente, a propaganda foi mais longe. Uma série de pesquisas descobriu porque a pessoa fuma e descartou de cara a história do -- prazer oral. A pesquisa partiu do fato do indivíduo que fica cego, quando adulto e, se já fuma, pára de fumar. Significou o -- fato de que as pessoas, em geral, não fumam no escuro, sopram a brasa. Então, o -- fundamental do fumar é a fumaça, porque -- na fumaça se coloca a fantasia. O indivíduo fuma para colocar a fantasia na fumaça. Resultado: a propaganda mudou, então, não -- se faz mais propaganda dizendo que o ci -- garro dá o melhor sabor, mas, se associa -- ao cigarro tal, uma série de fantasias re -- primidas e se você tem tal fantasia, você fuma tal cigarro. Então, você fuma tal ci -- garro que faz você voar sobre a -- pirâmí -- des, que faz você cavalgar nas terras do -- Marlboro, você fuma um cigarro que manda -- você buscar a felicidade. Há uma propagan -- da, que eu acho demais, nisso: é um casal, num carro esporte, que pára de madrugada -- numa praia deserta e vai fazer pesca sub -- marina! Tanta coisa para se fazer de ma -- drugada e vai fazer pesca submarina! que -- não se faz de madrugada, porque não se vê o peixe! Então, todos os símbolos do status estão ali, associados à fumaça daquele ci -- garro!

A propaganda se tornou violenta, porque não está mais permitindo a você filtrar -- conscientemente, está fazendo com que você receba a mensagem no inconsciente; se isso cabe ao cigarro, cabe, então, a tudo. --- Vejam: uma máquina de lavar roupa que, -- quando surgiu a propaganda, era assim: a-

máquina funcionando e a mulher passeando com os filhos. Pesquisa feita e se descobriu que a mulher se sente muito culpada de não trabalhar tanto quanto a mãe e, a propaganda muda: a máquina trabalha e a mulher faz tricô! Isso sempre existiu no cinema e, na TV, existe atualmente. O cinema é um ladrão de caixa d'água de tensões. Quando a gente está num clima de tensões muito grande, a gente põe o ladrão para deixar escapar. A técnica é idêntica. Quando se apaga a luz da sala, uma cadeira confortável, um foco luminoso eu deixo a minha vida aqui e passo a viver uma vida que não é a minha, sem filtrar conscientemente. Eu não julgo. Então, eu atuo na tela, fazendo uma série de coisas que na vida real eu não faria. Então, eu mato, eu violento, eu me identifico, eu faço uma série de coisas que eu mesmo condeno. E tem mais: é um ladrão de escape de uma cultura que propõe a segurança como sendo a felicidade. Quer dizer, o indivíduo se cercou de coisas seguras, que para mim é uma atitude patológica, como sendo a felicidade, e dá a válvula de escape uma ou duas vezes por semana. Então, o que eu acho terrível no cinema e na TV, nesse aspecto, é o fato de estar atingindo o inconsciente sem uma filtragem coerente.

=====
=====